BRASIL 438 DC.

Messias Modesto dos Passos

Introdução

A ideologização da questão ambiental provocou a produção de inúmeros textos, na sua maioria, com uma linguagem descolada do território. Não é objetivo desse trabalho elencar - textos e autores - fontes reveladoras desta afirmação. O nosso objetivo é chamar a atenção para dois aspectos da produção acadêmica dentro da Geografia: (a) o divórcio do texto com o concreto/real, ou seja, o território e (b) a ausência de leitura/re-leitura de autores cujas obras, apesar do rigor científico, são consideradas ultrapassadas e/ou envelhecidas.

Alegou-se, repetidas vezes, que os clássicos da Geografia são meras descrições, excessivamente subjetivas..., logo, pouco geográficos. A este respeito, lembramos:

"Descrever e localizar, eis, se não a tarefa essencial, pelo menos os primeiros passos da Geografia, mesmo quando procura apreender os factos terrestres nas suas relações gerais. O geógrafo descreve, pois, as paisagens naturais ou as paisagens feitas pelo Homem para lhes traduzir a cor e a vida, isto é, para lhes exprimir o significado. Mas a descrição que delas faz não pode realizar-se segundo os métodos ou os meios de um Chateaubriand ou de um romantista regionalista. Nada poderá precisar melhor o papel e o valor da descrição em Geografia do

1 Professor do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Maringá.
2 "Claude Lévi-Strauss relata uma história em seus "Tristes Trópicos" que teve, por acaso, um eco exato em nossa própria experiência. Ele reclama que, em sua época, os estudantes da Universidade de São Paulo sempre lhe perguntavam: "Este é o último artigo?". Sua reação era sugerir que o último artigo sobre dado assunto talvez não fosse necessariamente o melhor. Cinquenta anos mais tarde, na primeira vez que ministraram um curso na USP, os estudantes fizeram a mesma pergunta. Ironicamente, eles eram fiéis à tradição em seu anseio pelo novo. Talvez esse interesse pelo novo esteja vinculado ao interesse brasileiro pelo estrangeiro, pelas ideias, modas e pessoas estranhas à sua cultura – pouco importando se o novo é atraente por ser estrangeiro ou o estrangeiro por ser novo". (Extraído de: Peter Burke, "Primeiras impressões de um inglês no Brasil". Folha de São Paulo: Caderno MAIS, 28/12 97; p. 7.
que o exemplo de Vidal de la Blache, o fundador da escola geográfica francesa. Esta vive ainda do seu pensamento, não só porque este sabe dar um impulso decisivo aos trabalhos que continuam a inspirar as suas directivas, mas ainda pelo sentido que tinha dos aspectos da natureza e pela arte que trouxe à sua descrição". (CLOZIER, R. História da Geografia. Coleção Sober. p. 116-117).

Não é geográfica, a descrição que Garcia Márquez faz do Rio Madalena:

"... com efeito, estava surpreendido com o que havia de mudado, e mais ainda estava no dia seguinte, quando a navegação ficou mais difícil, e percebeu que o rio pai, o Madalena, um dos maiores do mundo, não passava de uma ilusão da memória. O capitão Samaritano explicou como o desmatamento irracional tinha acabado com o rio em cinquenta anos: as caldeiras dos navios tinham devastado a selva emaranhada de árvores colossais que Florentino Ariza sentia como uma opressão na primeira viagem. Fermina Daza não veria os bichos de seus sonhos: os caçadores de peles dos castulmes de Nova Orleans haviam exterminado os jacarés que fingiam de mortos com as fוגões abertas durante horas e horas nos bercos nas margens para surpreender as barboletas, os louraus com suas algarravas e os nicos com seus gritos de doidos tinham ido morrendo à medida que acabavam as frontes, as peixes-baias de grandes tatas de mãe que amamentavam as crias e choravam com vozes de mulher desolada nas pontas de areia eram uma espécie extinta pelas balas blindadas dos caçadores de prazer". (GARCIA MÁRQUEZ, Gabriel. O Amor nos Tempos do Côlera. p. 408-409).

Leo Waibel, ao descrever as condições ambientais da região sul do Brasil, chama a atenção pela aderência que o texto apresenta em relação ao território... ele é descritivo mas é explicativo:

"No litoral do estado do Paraná e na extremidade norte do litoral de Santa Catarina temos condições de temperatura que se assemelham às da terra caliente tropical. É uma baixada quente e úmida, na qual a melâria e outras moléstias tropicais são difundidas. Embora o inverno seja mais fresco do que o verão, a geada é desconhecida e aí se podem cultivar todas as árvores de frutas tropicais, com exceção do cacaufixo". (Extraído de: WAIBEL, Leo. Princípios de Colonização Européia no Sul do Brasil. Rio de Janeiro. IBGE/CNG, 1958. p. 207).

O que seria deste texto, em termos explicativos, se Waibel tivesse se utilizado das siglas científicas de Köppen (Cwb, por exemplo), como é habitual em muitos trabalhos, onde a sigla corresponde solitária e não expressa a realidade climática regional e muito menos a local?

A passagem do paradigma Lablacheano (excepcionalismo) para a biblia bertrandiana (o geossistema como modelo teórico da paisagem) deu-se a partir de uma linguagem descolada do território. Estamos muito ricos de teorias!

O Professor Milton Santos, afirma que:

"a maneira como interpretamos o Brasil e o mundo é empobrecida na universidade porque somos extremamente copiadores – primeiro da Europa e agora dos EUA. Não se trata de recusar o pensamento que vem de outros países, mas há uma maneira própria de ver o mundo e a si mesmo. É isso que distingue as culturas e dá nervo aos povos. Nós não chegamos a ser universais porque não somos suficientemente brasileiros". (SANTOS, Milton. Um olhar dissonante. Folha de São Paulo, 7/03/2000, 5º Caderno, página 1).

No sentido de chegarmos ao nosso objetivo, ou seja, de mostrarmos que há muitos textos, envelhecidos e cada vez mais significativos para a compreensão da nossa formação socioespacial, passamos à análise de um texto produzido por Pierre Deffontaines e publicado em 1940. O texto foi escolhido porque premeia a análise geográfica: ao longo de todas as páginas, o autor mantém-se preso à realidade concreta: o território. Poder-se-ia adjetivar o texto como “abordagem eco-histórica”, “formação socioespacial” ou, ainda, como a “gênese do Brasil”. Optamos pelo título “Brasil 438 DC”.

Texto “Geografia Humana do Brasil”, de Pierre Deffontaines³

Capítulo I – os elementos da natureza e a luta dos homens

Inicialmente, o autor, adverte, o território no sentido de chamar atenção para as suas potencialidades eucêmicas. Deffontaines revela um certo preconceito ao falar da não hostilidade da zona equatorial ao povoamento

---

³ O texto apresentado a seguir foi extraído de Separata da Revista Brasileira de Geografia, Números 1, 2 e 3 do Ano I, de 1940, em edição comemorativa dos centenários de Portugal. Em 1940, Pierre Deffontaines era Professor da Universidade do Distrito Federal, Rio de Janeiro, RJ.
humano: “... no Brasil o interior do Amazonas com suas florestas maciças está longe de ser a zona mais vazia e o seu povoamento é feito com uma população essencialmente branca; lá não há negros e relativamente poucos índios”.

“Vicente Pinzon, reconheceu que era um rio e não o Oceano, pela doçura das águas e por isso chamou-o “Mar Doce” ou o “Río Mar”, numa referência da escala de grandeza dos rios brasileiros e, no caso, ao Rio Amazonas.

Defrontaines monta um tableau (o quadro físico) no sentido de chamar a atenção da “... luta que os homens ali sustentaram contra os diferentes elementos da natureza”. Está claro que a visão que o autor tem de natureza enquadra-se dentro da concepção do Mundo Ocidental: abusa da fórmula, regra geral, utilitária e estética, fundada na escolha e na valorização dos elementos benéficos de um meio frequentemente hostil.

Ao traçar o esboço da história do solo, valoriza o arcabouço geológico, demonstrando a hipertrofia da geomorfologia na análise do tableau e, ao mesmo tempo, enfatiza a herança e a gêneses:

... primeiro a importância dos terrenos cristalinos antigos; gneiss, granitos, chistas e rochas vizinhas cobrem mais do teto do território. Em compensação as rochas sedimentares e sobretudo os sedimentos de origem marinha são menos representados, o que quer dizer que o país permaneceu em grande parte emerso desde os tempos geológicos mais antigos, entregue à destruição superficial. A América do Sul apresenta um grande desenvolvimento da vida montanhosa e a antiga civilização dos índios ligou-se justamente a esses planaltos do Andes, onde atingiu toda sua plenitude. Helguer-se-ia encontrar no Brasil uma antiga civilização montanhosa: nada disso”.

“A montanha foi aqui essencialmente uma barreira; a Serra do Mar e a Mantiqueira sobretudo”.

“Atravessava-se a montanha mas não se vivia nela.... Mas por etapas progressivas, a montanha sofreu ocupações e utilização, atingiu sucessivamente uma vida mineira, uma vida pastoril, uma vida agrícola... uma vida estival...”. “As primeiras montanhas ocupadas pela colonização européia foram as montanhas de mineração. As serras do Centro de Minas são um verdadeiro bloco dos mais variados minérios...”

“Na zona em que reinava o garimpo, à beira da montanha, a própria instabilidade do trabalho de coleta do metal não comportava o desenvolvimento de aglomerações: uma cidade só. Mariana, a primeira em dita, aliás, das cidades mineiras, serviu de capital aos garimpeiros”.

“Toda esta exploração mineira desenvolveu uma civilização urbana: os mineiros foram fundadores de cidades...”.

As relações entre natureza e cultura ficam bastante evidentes no texto: “O Brasil representa um dos mais grandiosos exemplos de batalha entre o homem e o clima. A mais antiga e, também, a mais difícil foi a luta que as populações travaram contra os séculos do Nordeste, a zona mais vizinha da Europa, a primeira a ser colonizada e ainda hoje uma das mais densamente povoadas, mas grau as condições hostis do ambiente. A faixa litoral recebia indubitavelmente uma imidade suficiente para justificar outora o nome de “zona da mata”, e admitir belas plantações, mas a menos de 100 quilômetros da praia começa o “sertão” com seus solos salgados, os “salões”, com uma estranha vegetação de espíhos e de cactos, a “caatinga”. Foi a que se formas um tipo muito curioso: o sertanejo nordestino. Suí origem quasi unicamente branca, sobretudo portuguesa do Norte, não impediu que se forma uma das raças mais vivazes, mais adaptáveis em relação ao clima. Não se criou aqui uma destas civilizações de países aridos, povoados por construtores de conchas, de perfuradores de poços, como se deu em regiões ainda mais secas: África do Norte ou Califórnia. Os portugueses, na sua maioria originários das regiões úmidas do Douro, não possuíam atavismo algum para lutar contra a seca: eles se submeteram às intempéries, vivendo com seus rebanhos semi-nômades de bovinos e caprinos, através do planalto arido e refluindo no tempo das secas para a costa ou para as montanhas: Araripe. Baturité. Borborema”.

Concede-se então a importância dos fenômenos de erosão e de decomposição”.

Ao traçar a “distribuição do relevo”, Defrontaines o faz amarrado à história geológica, para demonstrar que a compartimentação topográfica
atual se deve, essencialmente, às falhas e à erosão. Ao longo do texto nota-se que o autor, está preso aos determinismos e, talvez, seja esta a razão maior da sua análise estar sempre colada ao território, ou melhor, as virtudes e vicissitudes do tableau:

"...a encosta é então orlada por pequenos fossos tectônicos, onde se puderam formar curtos vales longitudinalis que, apesar de serem abruptos, facilitam o acesso do plano alto; são por depressões deste gênero que se desenvolvem as vias férreas de Santos a São Paulo, do Rio a Nova Friburgo e a rodovia do Rio a Petrópolis."

Deffontaines utiliza-se da "régua e compasso" da geografia francesa vidualiana e deixa este desenho muito explícito ao longo do texto, ao expor os "aspectos particulares" dos elementos do quadro físico do tableau, ou seja, a sua análise, malgrado o transseco sobre o território, é excepcionalista.

Ao descrever as formas do relevo, valoriza a geomorfologia climática: "...na zona em que reinam os verões quentes e umidos, as rochas cristalinas e sobretudo os gneiss porfirídios do complexo brasileiro deram esses "pães de açúcar"...".

A toponímia utilizada é fiel às expressões populares e, ao mesmo tempo, reveladora da gênese:

"Os granitos formam também cumes arredondados, mas frequentemente menos abruptos; não se chama mais "pães de açúcar" e sim "meias laranjas" ou "cascos de tartaruga". Encravam-se às vezes paisagens inteiras cheias dessas calotas, dando um aspecto de agitação marítima que é bem definido pela expressão "mar de morros".

"...O clima vence as rochas mais resistentes. As águas pretas, tão frequentes no Brasil, como o demonstra o grande número de Rios Pretos e Rios Pardos, são carregadas de ácidos (ácidos hídricos) e cavam as rochas quimicamente mais do que mecanicamente. O relevo se funde sob as águas tropicais: "chão como o granito" é uma expressão falsa nessas regiões".

"No Nordeste brasileiro encontram-se as mesmas rochas, mas o clima mudou, não se encontram mais "rios pretos" com águas carregadas de ácidos; os "pães de açúcar" desaparecem para dar lugar a grandes superfícies penedeadas, cobertas de seixos rolados, tão raras no Brasil meridional. Planaltos de grés dominam o "sertão" cristalino com grandes massas tabulares chamadas "chapadas":

chapada do Apodi, do Araripe, de Ibiapaba."

Observa-se, na transcrição, que a vegetação está totalmente ausente da análise, o que revela uma das mais graves lacunas da Geografia Física de então e da atual: o mal entendido de tudo que se relaciona com a Botânica. Consta-se que a relação vegetação-erosão foi muito frequentemente reduzida a um manuseio dos mais grosseiros em que a vegetação, considerada como uma simples entidade, joga o único papel de manto protetor em face da erosão.

A montanha é considerada como alternativa, para os homens e para os cultivos, frente às adversidades térmicas do clima tropical.

Quando fala dos rios (tipos de rios), prende-se as relações dos leitos superficiais com o substrato (a litologia) e o clima para, em seguida, mostrar como o homem se aproveita da rica rede hidrográfica, deixando explícito que a análise/leitura toma por analogia as regiões temperadas do globo. E bom lembrar que nesse período os geógrafos elaboraram os "modelos" padrões de cada uma das regiões do globo e, mesmo, de cada um dos elementos da paisagem (modelos de regiões quentes; modelos de regiões frias; modelos de montanhas; etc.): "...Estes grandes sistemas pluviais dispõem de um aproveitamento d'água unicamente pluvial...".

As descrever a dinâmica das águas do Rio Amazonas, deixa claro que o conceito de regularidade é aplicado aos cursos que mantêm o volume d'água (na vazante) sem comprometer as atividades econômicas. No caso do Rio Amazonas, onde as enchentes são problemáticas e têm reflexos negativos na vida das populações ribeirinhas e na economia local-regional:

"O Amazonas tem um regime especialmente estável, devido à sua situação quase a cavaleiro do Equador. Os afluentes da margem do Norte lhe trazem as águas crescidas na estação quente boreal de julho a setembro, enquanto que os da margem Sul, ao contrário, trazem sua principal contribuição na estação quente de janeiro a março; e verdade que os rios meridionais são acentuadamente mais consideráveis e asseguram uma influência anual dominante, mas o equilíbrio é assegurado graças à expansão formidável das águas pelos pântanos e braços anexos, "igarapés" e "juruas", amolecendo as pulsuações das águas, e também devido ao pequeno declive (82 metros de altitude em Tabatinga, onde o rio entra em território brasileiro, a mais de 3.000 quilômetros do mar), de modo que este rio, o maior do mundo, é também o mais regular."
"Os cursos d'água da zona das secas e mesmo o Rio São Francisco estão longe de gozar desta estabilidade, suas estiagens são muito baixas; muitos rios secam mesmo completamente durante vários meses e lembram os "oueds" do Saara.

Para fechar este primeiro capítulo, o autor elenca alguns sub-títulos: "agricultura e inundação"; "as formas de costa"; "o Brasil se apresenta como uma ilha"; "a pesca"; "a banana do litoral"; "aspectos da vegetação"; "a floresta, zona de colheita"; "a floresta, zona de cultura"; "a floresta, produtora de combustível" e "as madeiras preciosas".

Em todos esses itens está evidente que Deffontaines tinha uma leitura ocidental da natureza, ou seja, hostil e estético-utilitária ao mesmo tempo:

"O primeiro emprego humano da floresta é um trabalho de coleta. Todavia, ao mesmo tempo, a floresta brasileira adquiriu uma função agrícola. Enquanto que nas zonas temperadas as árvores foram as grandes inimigas das culturas, na América do Sul foram elas suas principais aliadas; e o trabalho agrícola não foi durante muito tempo possível senão com o auxílio da árvore. As primeiras plantas cultivadas foram extraídas da floresta e continuam adaptadas ao solo florestal: mandioca, feijão, banana, milho... seu único adubo é a cinza das árvores: as culturas tiveram início nos bosques. Por outro lado, as zonas de pastagem, os campos e pampas, permaneceram domínio reservado à vida de caça e criação. Isso explica porque as zonas florestais foram, durante longo prazo, mais habitadas do que as zonas de pastagem. O Amazonas mesmo era mais favorável à vida indígena do que os pampas argentinos. Ainda hoje no Brasil as zonas de árvores constituem o domínio da agricultura e as de pastagem, o domínio da criação. Nas paisagens de transição onde reina o cerrado, floresta mais xerofílica (semidecidualis forest), o homem, por meio de incêndios anuais, fez as árvores recuar diante da grama; assim os planaltos do oeste mineiro foram completamente deflorestados e entregues à criação".

Cabe aqui, algumas considerações em torno do parágrafo transcrito acima: 1°) o Brasil foi ocupado muito mais a partir de uma interpretação européia do que de um reconhecimento prévio de suas potencialidades paisagísticas. A cultura europeia quando desembarcou no Brasil fez a leitura de que "a floresta era sinônimo de terra fértil". Isto já estava claro na Carta de Pero Vaz de Caminha. Mais tarde, no avanço do café para o Oeste de São Paulo e Norte do Paraná, era comum a expressão de que "o café se desloca em busca" do "bafo do seteito" ou do "cheiro da mata". E mais, onde a Mata Atlântica se abre para o interior, o povoamento e a rede urbana se mostram das mais densas, em todo o Brasil – Oeste Paulista e Norte do Paraná –. 2°) o autor fala de "solo florestal". Era comum, no Brasil, falar-se em "solos de floresta", "solos de cerrado", "solos de campo"... Dava-se pouca importância às diferenças pedológicas (para não dizermos paisagísticas) dentro de cada um dos domínios morfoclimáticos e fitogeográficos brasileiros. O Professor Aziz Ab'Sáber, ao estabelecer o conceito de "área core", "área de transição" e de "área de enclave" contribuiu para amenizar a interpretação europeia, predominante até então, ou seja, a visão de que as paisagens tropicais brasileiras são monotonas e apresentam (segundo eles) um "ar de família". 3°) "as zonas de pastagem", são nas verdade os campos abertos, cobertos de vegetação rasteira (gramineas) mais apropriadas a criação. Com a afragicinização das pastagens brasileiras (introdução do capim colonião, do capim gordura...) e mais tarde (1970), com a introdução de espécies americanas (brachiaria) as pastagens artificiais ganharam todos os espaços (cerrado, floresta, campo). Até mesmo no Pantanal Mato-grossense observou-se iniciativas desastrosas de introdução das pastagens artificiais (brachiaria) em substituição ao capim jalapa e de outras espécies nativas adaptadas àquele ecossistema; 4°) "seu único adubo é a cinza das árvores", não se praticou as queimadas para se obter o adubo das cinzas e sim para limpar o terreno para os cultivos... a cinza como adubo foi um efeito percebido empiricamente.

No capítulo 2 (Trabalho & Aventura) de Raízes do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda apresenta, a título de "nota ao capítulo 2: Persistência da Lavoura de Tipo Predatório", p. 66-70, considerações/depoeimentos que ilustram o que afirmamos acima.

Capítulo II – o efetivo humano e sua distribuição

"As densidades mais elevadas são ocorrentes nos Estados do litoral: quasi 50 habitantes por km2 no Estado do Rio. cerca de 30 a 40 em alguns pequenos Estados do Nordeste (Alegoas com 43); a zona litoral do Estado de Pernambuco tem uma densidade avaliada em 121 habitantes por km2 (21 municípios tem mais de 100 habitantes por km2)."
“Nos altiplanos interiores existem também alguns pontos de densidade elevada. A zona montanhosa do centro e sul de Minas atraiu cedo uma população numerosa, de brancos e negros, para a extração de metais preciosos; após a decadência das minas, os habitantes se espalharam enclauding a região de fazendas de extensão média, praticando uma espécie de policultura que lhes permitia viver em economia quasi fechada”.

“Em relação às vastas regiões do interior do Brasil - Mato Grosso, Goiás e Amazonas - são regiões que esperam ainda seu pavimento e, na maioria dos casos, não dispõem de um habitante por quilômetro quadrado; as suas possibilidades de futuro são consideráveis, mas tudo depende das facilidades de comunicação”.


Ao descrever “os personagens tipos”, Deffontaines se apoia ao conceito de “gênero de vida”:

“A definição humana de uma região é dada não tanto pela repartição da população ou por distribuições éticas, mas sobretudo pelo conhecimento dos gêneros de vida, cuja associação íntima assegura a exploração do solo. Esses gêneros de vida encontram sua expressão em personagens tipos cuja enumeração ocupa o primeiro lugar na caracterização de cada região”.

Os personagens tipos de Deffontaines são encontrados no bico-de-pena de Percy Lau, na obra “Tipos e Aspectos do Brasil” (FIBGE, 1990)

No Brasil, o personagem dominante, e ao mesmo tempo o mais antigo, é o “fazendeiro”, isto é, o proprietário de uma fazenda ou grande cultura”.

“O primeiro esforço do fazendeiro consistiu no açambarcamento da terra; impressiona-nos a importância desta apropriação. Num país tão vasto, tão pouco habitado, esperar-se-ia encontrar imensas extensões sem dono, pertencentes ao domínio público do Estado; isso, porém, não se dá, e até as zonas de florestas do Amazonas tem proprietários, existindo fazendas unicamente florestais; as terras devolutas, isto é, os bens sem dono, pertencentes ao domínio público, são pouco importantes e isto explica a fraça influência da colonização oficial sobre a terra livre. Seria interessante retraçar a história dessa imensa imobilização da terra pelos primeiros colonos; seu direito de propriedade deriva - ora de concessões outorgadas pelo soberano, sob o antigo nome de “sesmarias”, ora de simples posse de fato, reconhecida com muita facilidade por decretos, ora de compras, mediante títulos mais ou menos falsificados, a primitivos proprietários mais ou menos ilusórios (“grilos”)”.

De um modo geral, os livros didáticos e mesmo os livros acadêmicos fazem referência às “sesmarias” como sendo estas uma realidade apenas do período colonial e fixa a região litorânea. Na verdade, significativa parcela do Brasil Interior foi, também, apropriada a partir de concessões (“sesmarias”).

Sobre as fazendas, o autor faz uma descrição muito geográfica no sentido de mostrar a organização/administração e empreendimentos entre as fazendas de plantação e as fazendas de gado. Encontra-se no texto uma valorização do tipo de casa: de morada utilizada numa e noutra.

“A fazenda de gado deve atender a condições muito diversas; o grande problema para ela não reside na exposição solar e sim na delimitação; é preciso evitar que os imensos rebanhos se dispersem pelo sertão. Procura-se por isso apoiar as propriedades em cursos d’água; os sítios privilegiados são os promontórios, na confluência de dois rios, o “pontal”. As mais antigas criações de gado foram fazendas de “pontal”, começando a apropriação pelas confluências”.

“A supressão da escravatura não transformou o regime da fazenda; trouxe apenas mudanças de detalhes: em vez de alojar os trabalhadores em senzalas, grupadas em torno de pátios fechados, construiram-se verdadeiras cidades operárias rurais, com casas separadas, alinhadas, todas iguais: é a “colônia”, que substituiu a senzala”.
É interessante a sobreposição da leitura que Darcy Ribeiro faz sobre "cidades e vilas".

"Nos cursos desses séculos as cidades cresceram e se ornaram com portentosos centros de vida urbana, só comparáveis aos do México. Os holandeses enriqueceram Recife. A riqueza das minas se exibiu em Ourol Preto e outras cidades do ouro, engalanam a Bahia e, depois, o Rio. A valorização do açúcar transladou os senhores de engenho para Recife e para a Bahia, onde ergueram seus sobrados e viveram a vida tão bem descrita por Gilberto Freyre (1935). A independência derramou quantidades de lustianos por toda a parte, todos muito voltados ao comércio, como agentes de empresas inglesas. A Guerra de Sucessão nos Estados Unidos fez crescer São Luís, que no censo de 1872 comparece maior e mais rica que São Paulo. A abolição, dando alguma oportunidade de ir e vir aos negros, encheu as cidades do Rio e da Bahia de núcleos chamados africanos, que se desdobraram nas favelas de agora".


Em Pierre Deffontains, o agente considerado está no nível local: o fazendeiro. É claro que, nesse caso, aos invés das cidades de Darcy Ribeiro temos as cunhadas e os patrimônios do Brasil interior, sobretudo.

"Fazendeiros e colonos" levam na propriedade uma vida essencialmente rural. As necessidades de comércio e de convívio social determinaram contudo a criação de curiosos tipos de aglomerações. Se o Brasil não conhece a forma aldeia, possui contudo inúmeras pequenas cidades que se encontram no interior, separadas por uns quinze a vinte quilômetros em média. Mas neste país essencialmente rural, a cidade foi, durante muito tempo, um anexo à fazenda. A maioria dessas cidades é obra dos fazendeiros: a necessidade de vida social incitou-os a se tornarem fundadores de cidades. O método seguido era quase sempre o mesmo: para constituir um núcleo urbano, o proprietário fazia doação ou legado de uma porção de terras à igreja católica na pessoa do bispo mais próximo ou de um santo do calendário brasileiro, que se tornava por este fato proprietário desta doação piedosa chamada "patrimônio. Este terreno era dividido em lotes de habitações em torno duma grande praça, no fundo da qual deveria ser construída uma igreja ou capela, conforme fosse ou não servida por um padre. Os fazendeiros dos arredores alugavam ou compravam esses lotes para neles construírem residências ou palacetes; para lá se dirigiam aos domingos e dias de festa, afin de assistirem aos ofícios religiosos e levar ali uma vida de ostentação e de convívio social. Com os proventos das vendas contritua-se a igreja".

Bye bye Brasil

Essas "cidades", apesar de sua reprodução numérica, beneficiavam apenas uma parcela mínima das atividades comerciais, difícil de se organizar.

1 O colonio era o personagem que gravitava em torno da fazenda de café. no Estado de São Paulo, não e como seu nome poderia fazer supor, um homem que se vê em instalar em terra livre, mas um operário aliciado pelo fazendeiro, que o foi buscar até aos mercados europeus, na Itália meridional principalmente. O fazendeiro confiava-lhe a direção de um certo número de pés de café, tendo ele direito a uma parte da colheita; recebia tantos pés a mais, quantos filhos tinha; por isso tem o colonio, quase sempre, uma família numerosa. Esse esquema foi detonado a partir, sobretudo, do Estatuto da Terra – Governo Castelo Branco, 1966 – que deu ao trabalhador rural os mesmo direitos trabalhistas do trabalhador urbano. Para não assumir tal encargo social, o fazendeiro dispensa os colonos e, uma das consequências desse ato foi o surgimento da figura do "bon-friar".

154

155

O negócio ambulante parece ser uma adaptação muito antiga ao povoamento disperso. O mascate, depois do fazendeiro e do colono, é a figura mais típica do interior brasileiro. É um velho nome que se aplica a todos esses mercadores, pois “mascatear” quer dizer mercadejar”. Na segunda metade do século XIX, sobretudo a partir de 1880, quando a “marcha do café”, em busca do “bafo do serão”, foi acompanhada das linhas de ferro (Mogiana, Araraquaraense, Paulista, Sorocabana), quando surgiram inúmeras vilas no interior paulista, o campo de ação dos mascates alargou-se consideravelmente. No início, os mascates eram os próprios italianos, sobretudo calabreses, que já exerciam esse mesmo tipo de atividade na Calábria. Mais tarde, aparecem os súrios, sobretudo maronitas, negociantes inveterados, que perseguidos pelo regime turco por motivo de crenças religiosas, espalharam-se pela Europa e posteriormente migraram para o Brasil (1885-90).

“Os mascates súrios viajavam habitualmente em grupos de dois, em parte devido à insegurança de certos lugares do interior, mas sobretudo para facilitar suas operações que exigem às vezes um comparsa. Aproveitavam a hospitalidade proverbial do brasileiro, alojando-se e comendo na casa dos moradores locais, aliás sem convite, porque é de tradição, que “mesa e pousão estejam franqueados ao viajante”. Viajavam a pé, carregando sua caixa – o baú dos mascates – cheia de pacotinhos, e atraíam os compradores mediante um estalar de castanholas”.

Deffontaines dedica algumas páginas para descrever outros tipos do Brasil de então: o caboço, o caçarola, os trabalhadores de fábricas, a gente das favelas... Para ele, a etnia, ou seja, a cor-da-pele está muito presa ao status social de cada um desses personagens. Não comparece, em nenhum momento do texto, a análise sociológica mais apurada.

Capítulo III – as duas grandes cidades: Rio de Janeiro e São Paulo

A situação geográfica, a conquista do solo urbano, a casa carioca, o problema das comunicações, o problema da alimentação, uma extraordinária vitória urbana, são os itens selecionados, pelo autor, para descrever o Rio de Janeiro, à maneira ocidental: uma natureza hostil onde os elementos são estéticos...

O sítio urbano de ambas as cidades merece uma atenção toda especial de Deffontaines, até porque segundo este autor, o meio ecológico explica as diferenças e o processo de evolução da malha urbana do Rio de Janeiro e de São Paulo. É a partir da lógica territorial que ele vai afirmar que São Paulo foi um ponto de partida (dos bandeirantes para a conquista do interior), enquanto que o Rio de Janeiro era antes de tudo um ponto de chegada (um porto...). E mais: após uma análise ecológica do sítio urbano do Rio de Janeiro e do seu entorno, afirma que: “A função essencial desta cidade não será fabricar e produzir, mas consumir”, referindo-se às limitações ambientais das áreas circunvizinhas próximas e dos reflexos dessa organização física, na dependência da cidade carioca de outras regiões para efeito de abastecimento básico (a carne bovina, de Minas e Goiás; o leite, das regiões montanhosas de Minas Gerais, os produtos vegetais, dos planaltos de São Paulo e, mais tarde, das montanhas da Serra do Mar...).

A eco-história

Na constante busca da Geografia por novos paradigmas temos, nos dias atuais, uma preocupação com a abordagem ecológica. Consideramos mais apropriado chamá-la de eco-história, ou seja, o estudo das conseqüências ambientais das atividades humanas, de um lado, e do estudo das atividades humanas numa perspectiva ambiental, de outro. Esta abordagem está muito bem elaborada na análise que Deffontaines faz do sítio urbano das duas maiores cidades brasileiras, de modo particular na descrição analítica do
entorno territorial da cidade do Rio de Janeiro:

"Foi necessário primeiramente conquistar o solo urbano. Dispunha-se de pequenas planícies, todas maiores ou menores pantanosas, sendo necessário drená-las e secá-las.

Não era, aliás, a água dos baixios que mais inquietava e sim a que descia das montanhas da Serra Caririoca, na época das grandes chuvas de verão, onde caem às vezes mais de 200 mm num só dia.

Do lado do mar, atrás das cordões litorais arenosos, lagunas sem saída, mangás, entravam o povoamento. Era o caso da Lagoa Rodrigo de Freitas; por meio de um canal e um sistema de comportas, garantiu-se o acesso das marés e facilitou-se o saneamento.

Foi preciso, muitas vezes, adaptar a borda do mar; as pequenas planícies terminavam, em sua maioria, por terrenos baixos ou praias com áreas instáveis.

Nesta cidade comprimida pela montanha, as conquistas sobre o mar foram além das avenidas à beira-mar, imaginou-se conquistar partes da baía, por aterro; assim, bairros internos, como o da Urca, ao pé do Pão de Açúcar, foram conquistados ao mar, loteados e vendidos os seus terrenos, onde hoje se ostentam palacetes residenciais.

Conquistaram-se e adaptaram-se também as numerosas ilhas que separam a baía de Guanabara. A cidade pode, assim, vivar-se de certos serviços desfavoráveis à aglomeração: ilha especial para imigrantes, ilhas para arsenais das marinhos, ilhas para entrepostos de petróleo, ilha para receber o minério. Há, também, algumas ilhas residenciais, como a encantadora Paquetá.

"A cidade é dividida pelos ramos montanhosos ligados aos maciços do Corcovado e da Tijuca e é sebeada de morros isolados, alguns deles pequenos e constituídos de terras de decomposição; alguns foram arrasados no centro da cidade; mas não se podia fazer o mesmo com os morros de rochas que contínuam a figurar na silhueta estranha da cidade. Aqueles que teme paredões a pique são inacessíveis e constituem áreas inutilizadas, mas, sempre que as rampas eram menos abruptas, foram ocupados por uma população heterogênea da própria cidade. Tornaram-se domínio da gente pobre e constituíram espécies de zonas cobertas de casas de taipa, com padeiros de folhas de flandres, aglomerações suspensas acima da cidade e com ela se comunicando por meio de escadas vertiginosas, talhadas muitas vezes na própria rocha. O mais antigo desses morros de gente pobre é o da Favela mas há pelos menos uns quinze outros, espalhados por todos os bairros, mesmo acima dos bairros residenciais mais luxuosos. Calcula-se que seja de 200.000 o número de habitantes dos morros".

"No Rio, o vento é um verdadeiro personagem, traz nomes especiais: é "brisa", quando sopra do mar, "viração" ou "teiral", quando vem da terra".

"Quando se organizaram os transportes por via férrea, foi necessário procurar outras passagens. A Serra do Mar apresenta a Oeste do maciço dos Orgãos, grande depressão, onde a crista não ultrapassa 500 metros; lá se estabeleceu então a rampa que permitiu comunicação com São Paulo e Minas, pela passagem de Paulo de Frontín. A única linha férrea por onde podem subir comboios de 10 e 12 vagões, constituindo a única saída do Rio, de grande rendimento; as outras vias férreas tem cremalheiras e nelas só podem subir 3 vagões de cada vez".

Considerações finais

Qual é a idade do Brasil? 500, 438? 25 anos? O Brasil é feito de muitos padeiros de idades muito diferentes: se a cidade de São Paulo tem 446 anos, Sinop, no norte do Mato Grosso tem apenas 21! Muitas cidades ainda surgirão. Se no passado tínhamos os macetes, no passado mais recente temos os "atacadistas", cujos caixeiros-viajantes chegavam/chegam aos pontos mais distantes do território para vender "secos e molhados" (Você conhece o seu Martins?)? O que preocupa no Brasil de hoje é que as mudanças se dão dentro de um ritmo muito acelerado ("trocamos o pneu com o carro em movimento") e, aonde chega a "modernidade" (a internet) chega também a droga, a violência... isto é, não chega o governo...
As mudanças socioespaciais dos últimos 60 anos transformaram o Brasil, um país essencialmente agrário, até então, em um país urbano-industrial com impactos paisagísticos agudizados por algumas variáveis que dificultam enormemente o encontro de um modelo de desenvolvimento que seja socialmente correto e ambientalmente justo:

- a dispersão espacial das atividades, em parte justificada pelas dimensões continentais do território mas, certamente, devido ao caráter de nossa formação sócio espacial marcada pela “economia de fronteira”;
- a compressão temporal, ou seja, a velocidade das mudanças sócio-econômicas e, claro, das definições e redefinições das políticas territoriais que atenderam/atenham muito mais as conjunturas e as regras ditadas de fora para dentro, não considerando os custos da desintegração regional e, principalmente, da ausência do tempo suficiente para a consolidação/sedimentação das economias locais-regionais e, claro, da construção paisagística;
- a concentração. Fenômeno considerável da dinâmica territorial brasileira, manifestada na concentração da pobreza nas periferias das médias e grandes cidades; concentração de renda e de patrimônio;
- os brasis. Brasil Atlântico, Brasil interior, Brasil povoado, Brasil pouco povoado, Brasil rico, Brasil pobre, mas sobretudo um Brasil de grandes diferenças locais e regionais. Brasil de sobreposição do moderno com o arcaico marcadamente híbrido, ambivalente, instável e dinâmico, herança do processo de “modernização conservadora”.

Temos, na atualidade, o questionamento de alguns princípios sociais, no plano do quotidiano, pela presença da hipercomunicação, no plano econômico, pela mundialização do capitalismo e, no plano político, por um Estado que busca um modelo privatista e uma política moderna altamente segmentada.

Finalmente, de frente ou de costas, entramos na modernidade, com algumas características “próprias”, ou seja, modernização e urbanização cujo desenho é um mosaico de composição difícil: pais de economia periférica, agroexportador, de elevada taxa de analfabetismo, expansão dos drogas e do crime organizado, de perda do monopólio da Igreja Católica, de excesso de privilégios (para alguns)/de pouca cidadania (para a grande maioria) e de muita desinformação no mundo rural. Ao mesmo tempo, uma população que migrou para as cidades nos últimos 30 anos e apresentou uma surpreendente facilidade de adaptação ao mundo urbano e às mudanças culturais, apesar das dificuldades de construir relações humanas mais gratificantes.

Avança Brasil! E nós?